

# O legado de Carl Rogers: Grupos de Encontro

Dr. Paulo Coelho Castelo Branco

Docente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Psicologia (UFC);  
Docente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Psicologia da Saúde (UFBA);  
Pós-Doutor e Doutor em Psicologia (UFMG);  
Coordenador do Núcleo de Estudos em Psicologia Humanista (NEPH).

# Objetivos

- Geral: Realizar uma apreciação da obra *Grupos de Encontro* (1970) em seus aspectos constitutivos e interventivos.
- Específicos:
  1. Apresentar uma descrição da obra;
  2. Organizar o fio condutor (fieri) das terapias grupais no pensamento de Rogers desde o aconselhamento psicológico até os grupos de encontro (Castelo Branco, 2019);
  3. Ponderar o legado dos grupos de encontro (GE).

# Publicação

- Originalmente publicado em 1970, foi traduzido para o português brasileiro em 1978;
- É umas das poucas obras correntes de Rogers no Brasil (nona e última edição em 2009, pela editora Martins Fontes): importância e “maldição”;
- Trata-se do terceiro trabalho publicado que expressa a fase de transição entre a terapia centrada no cliente e a abordagem centrada na pessoa, pois é ulterior as obras *Man and science of man (1968)* e *Freedom to learning: a view of what education might become (1969)*.

# *Grupos de Encuentro*

---

**Carl R. Rogers**



## Prefácio IX

1. <i>Origem e objetivos do movimento de grupos</i>	1
Origem	3
Modalidades e formas diferentes	5
Linhas comuns	7
O processo de grupo	10
Por que a rápida difusão?	11
Medo criado pelo movimento	13
Conclusão	16
2. <i>O processo do grupo de encontro</i>	17
Fracassos, desvantagens, riscos	43
Conclusão	49
3. <i>Posso ser facilitador num grupo?</i>	51
Contexto filosófico e atitudes	52
Função da criação de ambiente	55
A aceitação do grupo	57
Aceitação do indivíduo	59
Compreensão empática	60
Atuando segundo aquilo que sinto	61
Confrontação e <i>feedback</i>	64
Expressão dos meus próprios problemas	65

Evitar o planejamento e os "exercícios"	66
Evitar os comentários interpretativos ou do processo	
A potencialidade terapêutica do grupo	68
Movimento e contato físico	69
Um ponto de vista de três gerações	69
Algumas falhas de que estou consciente	75
Um problema especial	76
Comportamento que creio não facilitar o andamento de um grupo	77
Conclusão	80
4. <i>A mudança depois dos grupos de encontro: nas pessoas, nas relações, nas organizações</i>	81
A mudança individual	82
A mudança na relação	83
A mudança na organização	84
Bases para estas conclusões empíricas	85
Um exemplo de mudança individual	87
Exemplos de mudança nas relações	92
Um exemplo de mudança nas organizações	94
5. <i>A pessoa em mudança: como é experienciado o processo</i>	101
O grupo – e Ellen	101
As mudanças interiores	103
A mãe bicho-papão	105
Ellen pensa na separação	105
Coragem para falar – e escolher	107
Perturbação	108
As profundidades	110
Declaração de independência	112
O preço da independência	113
Medo da independência	115
Consegue afrontar o problema e sente-se grata	116
Outro golpe	118

Valerá a pena o sofrimento do crescimento?	119
Alguns pensamentos como conclusão	119
Seis anos mais tarde	121
Conclusão	124
<b>6. A pessoa isolada e as suas experiências num grupo de encontro</b>	<b>125</b>
A solidão interior	128
"O que eu realmente sou não se pode amar"	131
Arriscando-se a ser o próprio eu interior	133
Conclusão	136
<b>7. O que sabemos através da investigação</b>	<b>137</b>
O processo do grupo de encontro	142
Resultados	146
Um estudo fenomenológico das conseqüências	147
Comentários	151
Considerações globais	151
O meu comentário	156
Conclusão	157
<b>8. Campos de aplicação</b>	<b>159</b>
Indústria	159
Igrejas	162
Governo	162
Relações raciais	163
Tensões internacionais	164
Famílias	165
O fosso entre gerações	166
Instituições de educação	166
Projeto de transição	170
<b>9. Construindo capacidades facilitadoras</b>	<b>175</b>
O programa de La Jolla	175
Filosofia e política	176

Seleção	178
Elementos do programa	179
Relações no regresso ( <i>Back-Home Relationships</i> )	184
Conclusão	184
<b>10. Qual o futuro?</b>	<b>187</b>
Algumas possibilidades	187
Implicações para o indivíduo	191
Significado para a nossa cultura	193
O desafio à ciência	195
Valores filosóficos	197
Conclusão	198

# Origens e objetivos dos Grupos de Encontro (GE)

- Década de 1970: Contexto californiano de experimentação relacional;
- 1947: Grupo de Bethel e os Grupos de Treinamento de Kurt Lewin;
- 1946-1947: anos da Universidade de Chicago e os trabalhos de “treinamento” para formar conselheiros para trabalhar com os veteranos regressos da Segunda-Guerra Mundial;
- Os GE, inicialmente, implicavam na “formação de facilitadores”;
- O foco inicial não estava em atender clientes, tampouco, objetivava a mudança de personalidade; estava em: “acentuar o crescimento pessoal e o desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação e relações interpessoais, através de um processo experiencial” (Rogers, 1970/2002, p. 05).
- Implica em um trabalho intensivo de imersão, não estruturado, com um “líder/facilitador” responsável por manejar os sentimentos e significados.

# Aspectos seminiais no Aconselhamento Não Diretivo (1940-1945)

- Em *Psicoterapia e consulta psicológica* (1942), Rogers (1942/2005) indica os trabalhos grupais de Moreno como uma fonte de terapia expressiva.
- Não tinha uma ênfase grupal consolidada, pois se focava em propor um aconselhamento não diretivo.
- O que importa ressaltar aqui é que o axioma da não-diretividade é o que avançou desta fase para as demais.

# Aspectos criativos na fase da Terapia Centrada no Cliente (1945-1963)

- Caracterizada pelos trabalhos de colaboradores (mestrandos e doutorandos) de Rogers;
- Trabalho com veteranos em 1946-47 na Universidade de Michigan, instituição que sediou K. Lewin e os T-Groups (Rogers, 1951/1992);;
- Proposta grupal rogeriana de formar conselheiros para lidar com os regressos da guerra. Trabalho coordenado por Thomas Gordon, Enrique Porter e Douglas Blocksma (Rogers, 1951/1992);
- Artigos de Hadassah Peres (1947) sobre aconselhamento não diretivo com grupos;
- Os trabalhos grupais de Nicholas Hoops (grupos com finalidade interventiva) e Thomas Gordon (liderança organizacional) na obra *Terapia Centrada no Cliente* (Rogers, 1951/1992);
- Artigo seminal de Rogers (1961/2009), escrito em 1951 e publicado em *Tornar-se Pessoa*.
- Neles, há a indicação do axioma da não diretividade, mais ideias seminais de consideração incondicional e compressão empática.

# De onde veio a lógica grupal rogeriana?

Volume XI

JULY-AUGUST, 1947

Number 4

## JOURNAL OF CONSULTING PSYCHOLOGY

### AN INVESTIGATION OF NONDIRECTIVE GROUP THERAPY<sup>1</sup>

BY HADASSAH PERES

CHICAGO PSYCHOLOGICAL INSTITUTE

**T**HE EFFECTIVENESS of group therapy has been demonstrated repeatedly, but the conclusions have been based almost entirely upon clinical observations rather than upon objective research. The need for this type of research is becoming more critical as the possibilities of this form of psychotherapy are being realized. The project here described [6] was an attempt to utilize objective methods in investigating nondirective group therapy.

The purpose of this study was to determine whether there was any relation between the verbal expressions of the members of a therapy group and the value which they received from such therapy, and to discover whether processes similar to those of individual psychotherapy occurred in the group.

The results are based upon a series of six recorded group therapy sessions. The participants' statements were classified into a series of categories devised in such a manner to differentiate the content and the feeling expressed. A follow-up study was made on the basis of which the members were divided into a benefited and a nonbenefited group. The data was then analyzed to determine whether different processes occurred in the two groups.

The term "group therapy" is ambigu-

ous due to the fact that at least three different types of procedures are designated by it. One procedure might be called the "class method," where a group of people having similar difficulties are brought together and the therapist explains to them the causes and possible remedies for their type of disturbance. In many cases this has been found to be much more effective than explaining the same things to them individually. A short review of the history of this method has been made by Klapman [4].

A second procedure is often called "activity therapy" since it depends upon social interaction between children to effect changes in their personalities. A description of this method can be found in the book by Slavson [8].

The third procedure might be called "therapy within a group". This is distinguished from activity therapy in that the members of the group discuss their problems verbally, instead of effecting their readjustments through actions and activities. This type of procedure was used a great deal during the recent war because there were too few psychiatrists to give individual attention to all those who required it. However, this form of therapy, which grew out of necessity, has yielded unexpectedly rich returns, as is evident in the article by Paster [5] which discusses the results of group therapy with army patients, and in the studies made by Ba-

<sup>1</sup> A condensation of a Master's thesis, University of Chicago. The writer is deeply grateful for the criticism and supervision of Dr. Carl R. Rogers who served as advisor in the preparation of this study.

## CAPÍTULO 7

### PSICOTERAPIA CENTRADA NO GRUPO

por Nicholas Hobbs, Ph.D.

Em alguns aspectos significativos, a terapia de grupo é como a terapia individual, e também é nitidamente diferente. As similaridades originam-se de um propósito comum e de uma concepção compartilhada da natureza da personalidade humana e de como ela se altera. As diferenças surgem do importante fato de que, na terapia individual, apenas duas pessoas estão imediatamente envolvidas, enquanto que, na terapia de grupo, cinco, seis ou sete pessoas interagem no processo terapêutico. Essa multiplicação do número de participantes significa mais do que a extensão da terapia individual para várias pessoas ao mesmo tempo; proporciona uma experiência qualitativamente diferente, com potencialidades terapêuticas únicas.

Embora o parentesco essencial entre a terapia centrada no cliente e a terapia centrada no grupo deva ficar evidente na discussão que se segue, faremos um esforço para comunicar a natureza peculiar da terapia de grupo, não apenas em linhas gerais, mas com detalhes que levarão o leitor a um entendimento íntimo do processo, e com citações de sessões terapêuticas e de diários sobre terapias que permitirão a ele sentir o gosto da experiência. Na tradição firmada no desenvolvimento da terapia centrada no

## CAPÍTULO 8

### LIDERANÇA E ADMINISTRAÇÃO CENTRADAS NO GRUPO

por Thomas Gordon, Ph.D.

Provavelmente, ninguém que tenha tentado seriamente trabalhar com psicoterapia individual com uma orientação essencialmente centrada no cliente deixou de pensar na possibilidade de aplicar essa filosofia à liderança de grupo e administração organizacional. Os profissionais do Centro de Aconselhamento da Universidade de Chicago freqüentemente levantam a questão de se fatores como aceitação, compreensão e permissividade teriam efeitos terapêuticos tanto para grupos como para indivíduos. Seria plausível experimentar uma abordagem terapêutica em situações fora do consultório clínico? Qual seria o efeito se o supervisor de um grupo tentasse criar conscientemente uma atmosfera de aceitação na qual os membros pudessem trabalhar? É possível a um chefe, líder ou administrador ser "terapêutico" nas relações com seus subordinados? Qual seria o impacto, num grupo de professores de um colégio, se o diretor adotasse procedimentos que os encorajassem a expressar abertamente seus sentimentos de frustração e desânimo, suas críticas quanto às diretrizes administrativas, bem como seus sentimentos mais positivos? Qual poderia ser o efeito, numa organização industrial, se um consul-

## Capítulo 17

### **O tratamento das perturbações na comunicação interpessoal e intergrupos**

*Para situá-lo no tempo, este estudo foi um dos primeiros que redigi. Foi escrito em 1951, para ser apresentado no Congresso Centenário sobre as Comunicações, na Northwestern University, com o título “Comunicação: seu bloqueio e sua facilitação”. Foi impresso uma meia dúzia de vezes, por diferentes grupos e em diversos periódicos, incluindo a Harvard Business Review e ETC, revista da Sociedade de Semântica Geral.*

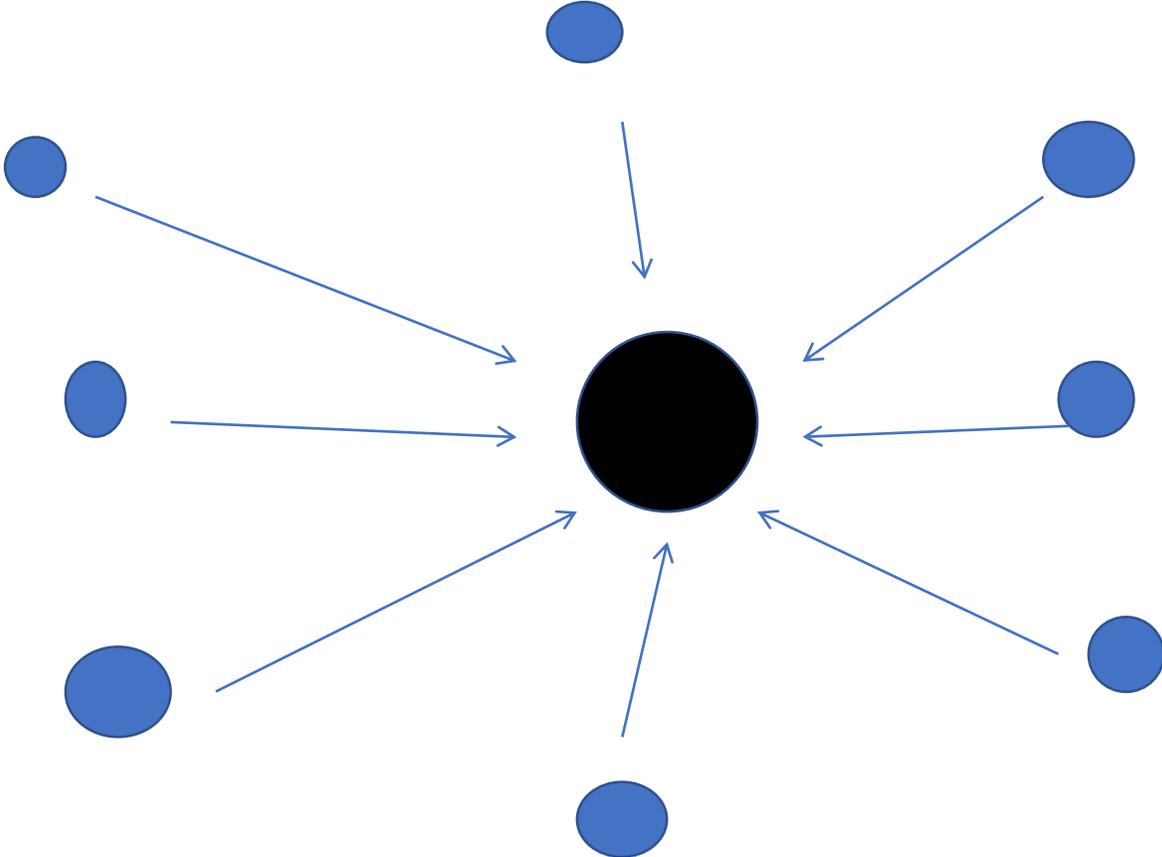
*Embora alguns dos exemplos pareçam um pouco antiquados, incluí-os devido à sua importância, na minha opinião, quanto à consideração das tensões tanto nacionais como internacionais. A sugestão referente à tensão entre os Estados Unidos e a Rússia parecia naquela altura desesperadamente idealista. Creio que seria agora considerada por muita gente como refletindo apenas bom senso.*

Pode parecer curioso que uma pessoa que consagra toda sua atividade profissional à psicoterapia se interesse pelos problemas da comunicação. Que relação há entre fornecer uma ajuda terapêutica a um indivíduo que apresenta desadaptações emocionais e o objetivo desta conferência, ou seja, estudar os obstáculos à comunicação? Todavia, a relação é bastante estreita. Todo o trabalho da psicoterapia se refere a uma falha na comunicação. A pessoa emocionalmente desadaptada, o “neurótico”, tem dificuldades, em primeiro lugar, porque rompeu a comunicação consigo próprio e, em segundo, porque, como resultado dessa ruptura, a comunicação com os outros se viu prejudicada. Se isso parece um pouco estranho, permitam-me que o exprima de outra maneira. No indivíduo “neurótico”, partes dele que permaneceram inconscientes, ou reprimidas, ou afastadas da consciência, sofrem uma obstrução que impede a comunicação com a parte consciente ou dirigente do indivíduo. Enquanto isso acontecer, dão-se distorções na forma de

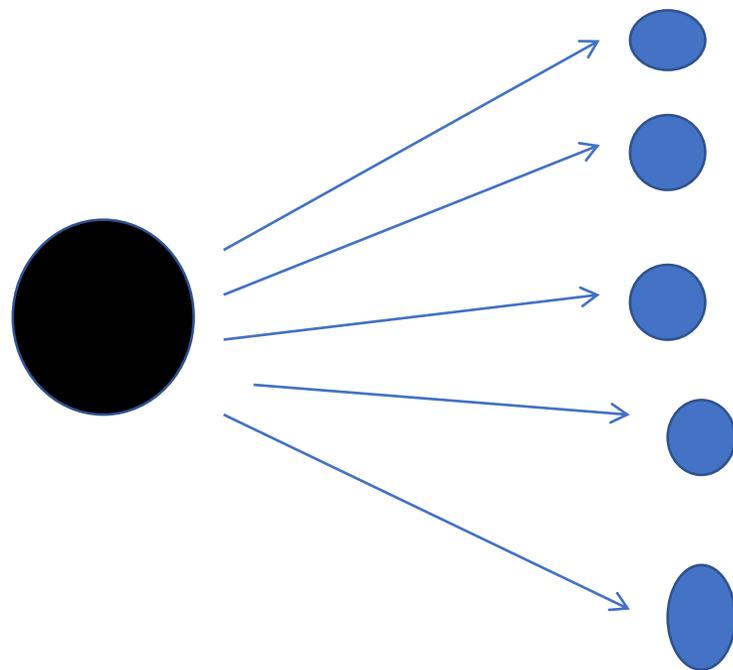
# Aspectos criativos na fase da Terapia Centrada no Cliente (1945-1963)

- Criação de uma atmosfera grupal com base nisso;
- Tipos de setting: evolução de uma terapia pelo grupo para modelos de terapia em e de grupo;
- Aproximações e semelhanças entre as psicoterapias individual e grupal (Nicholas Hobbs, 1951/1992; Gordon, 1951/1992);

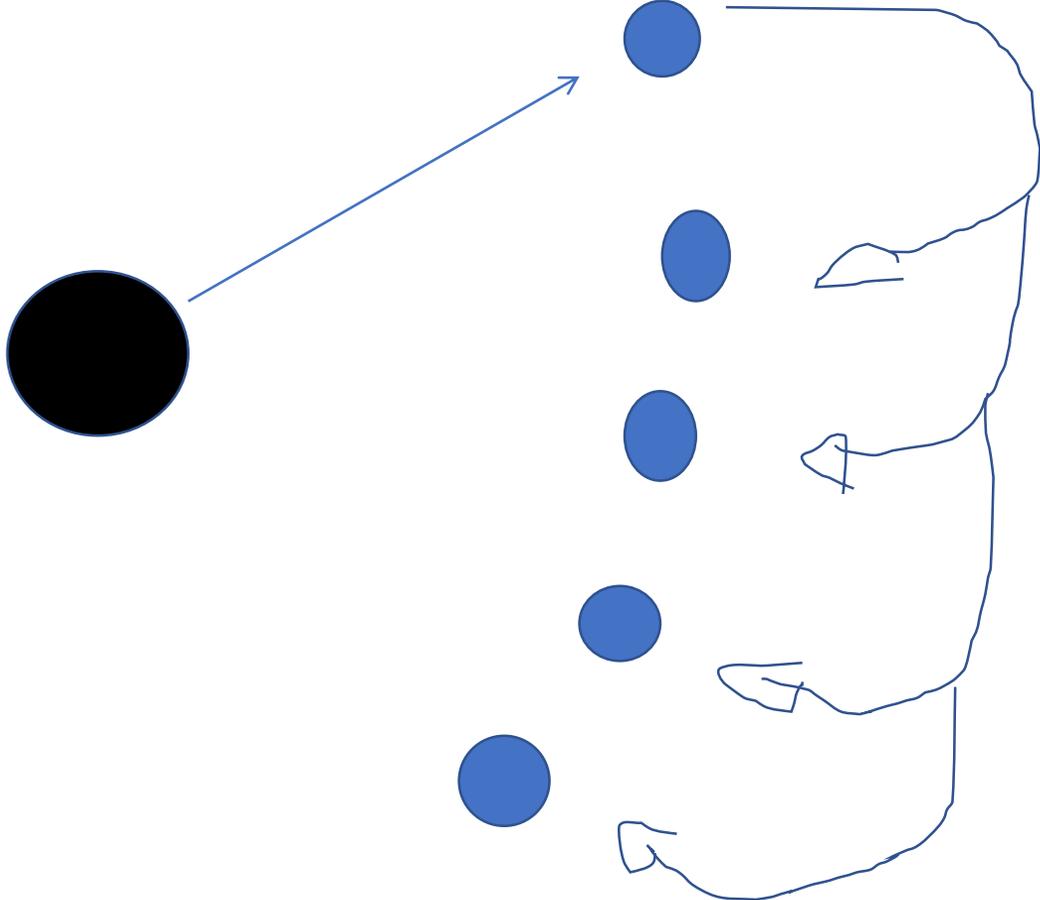
# Terapia pelo grupo



# Terapia em grupo



# Terapia de grupo



# Aspectos criativos na fase da Terapia Centrada no Cliente (1945-1963)

- Apontamentos de Max Pagès (limites de Rogers e proposta grupal social) e sua ulterior consolidação
- *Psicologia Social e Orientação Não Diretiva* (Pagès, 1955/1976);

# Aspectos criativos na fase da Terapia Centrada no Cliente (1945-1963)

- O desenvolvimento das microteorias *da direção de grupos (Leadership) e da resolução de tensões e conflitos de grupos* na Teoria das relações humanas, que se tratam de aplicações, explicações e implicações da Teoria da Terapia (Rogers, 1959/1977).
- Observação: essas teorias foram desenvolvidas no contexto de publicação do sistema de Rogers no livro de Sigmund Koch (1959).

	E. Desenvolvimento de um modo de avaliação condicional .....	199
	F. Desenvolvimento do desacordo entre o eu e a experiência .....	201
	G. Desenvolvimento de contradições no comportamento .....	202
	H. A experiência de ameaça e o processo de defesa ..	202
	I. O processo de desmoronamento e de desorganização psíquica .....	204
	J. O processo de reintegração .....	206
III.	— Teoria do funcionamento ótimo da personalidade .....	210
	<b>CAPÍTULO XI — As relações humanas</b> .....	<b>213</b>
IV	— Teoria das relações humanas .....	213
	A. Condições de desenvolvimento de uma relação que deteriora .....	214
	B. O processo de uma relação negativa .....	215
	C. Os efeitos de uma relação que se deteriora .....	216
	D. Condições de desenvolvimento de uma relação em vias de melhoramento .....	217
	E. O processo de uma relação que melhora .....	218
	F. Efeitos de uma relação positiva .....	218
	G. Esboço de uma lei das relações interpessoais .....	219
V	— Teorias das relações familiares .....	220
VI	— Teoria da educação e da aprendizagem .....	221
VII	— Teoria da direção de grupos (Leadership) .....	222
VIII	— Teoria da resolução de tensões e de conflitos de grupos .....	223
	A. Condições para resolução de conflitos entre grupos ..	223
	B. O processo de resolução de conflitos entre grupos ..	223
	<b>CAPÍTULO XII — A pesquisa</b> .....	<b>227</b>

# Os anos desgostosos anos de Wisconsin (1957-1963) e algumas repercussões (Castelo Branco, 2022)

- Grupos de pessoas diagnosticadas com esquizofrenia;
- Boicotes seletivos e formativos na Universidade;
- Aposentadoria e busca por outras instituições e contextos mais flexíveis do ponto de vista seletivo e formativo;
- Instituto Ocidental de Ciências do Comportamento;
- Trabalhos fora da universidade com formação e treinamento de terapeutas;
- Centro de Estudos da Pessoa (Rogers, 1970/2002).

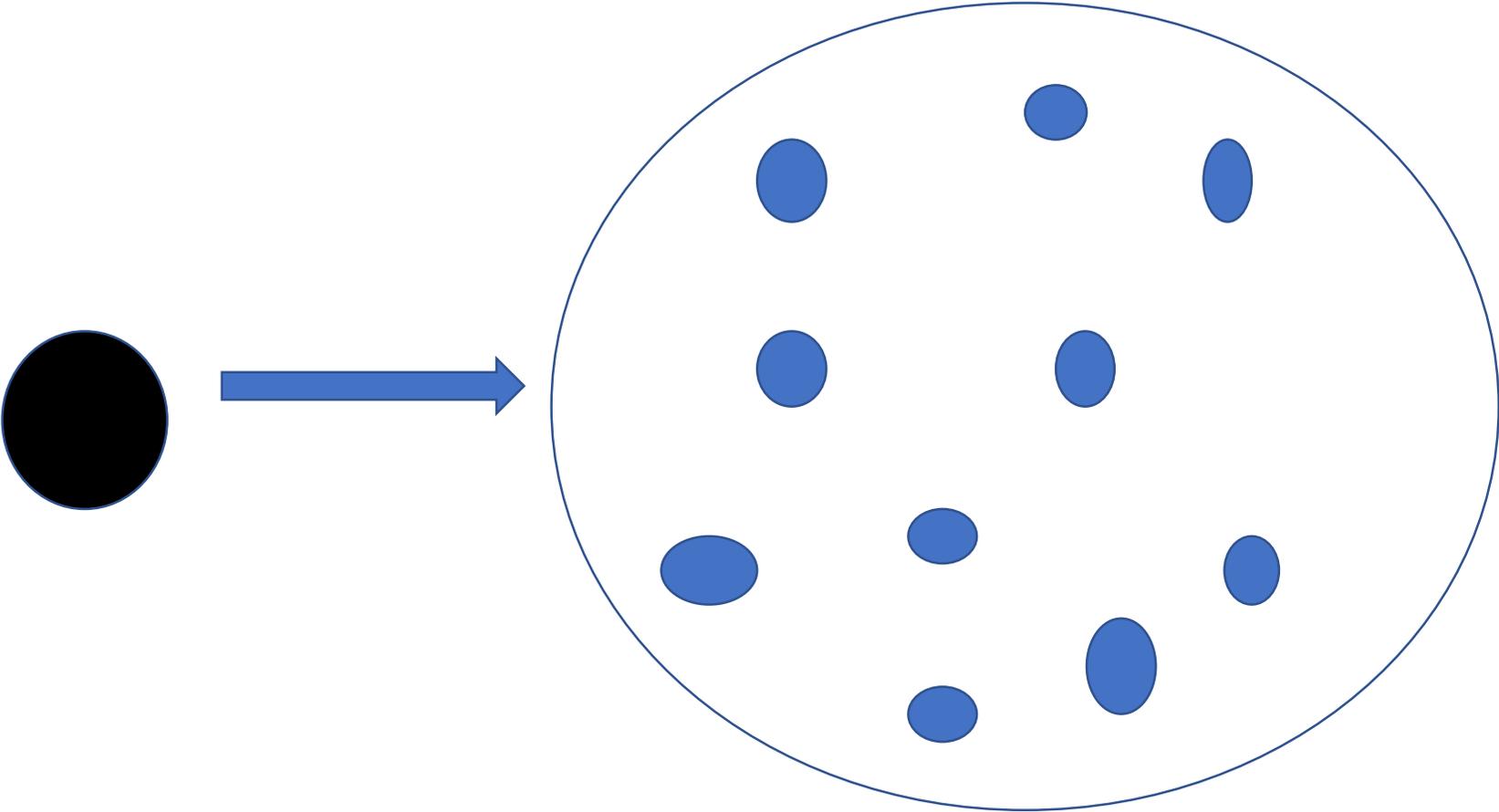
# Fase madura: na transição da TCC para ACP (1963-1977)

- Caracterizada por uma maior liderança e participação de Rogers nas práticas grupais e suas reflexões;
- Assunção de novos colaboradores e novas formas de pensar o processo terapêutico, validar as intervenções, estudar os seus efeitos e treinar (capacitar) facilitadores;
- Rogers queria formar e pensar a facilitação fora do modelo em que ele formou terapeutas e pesquisou a terapia.

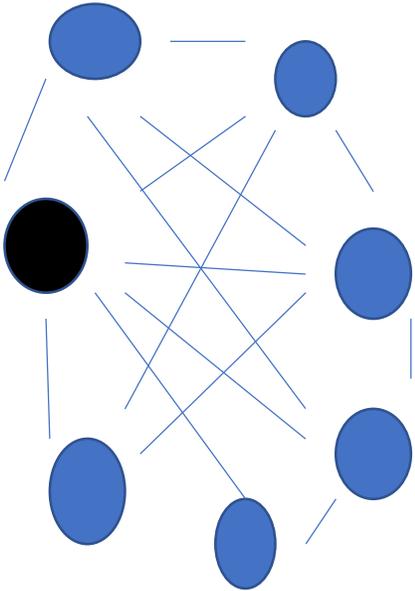
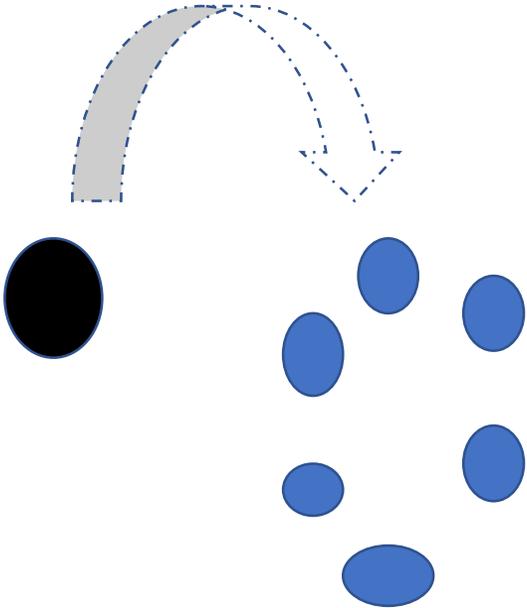
# Grupos de Encontro (1970)

- Estabelecimento de fases do processo grupal, dos requisitos formativos e da aprendizagem do facilitador;
- Pesquisas e exposição a-teórica. Rogers já tinha estabelecido uma teoria e prática e partia de elementos delas para expor e sustentar sua proposta grupal, por isso queria expor num viés mais naturalista-experiencial
- Contudo, há avanços teóricos e práticos **sutis**. Por exemplo, as questões: da consideração do indivíduo e do grupo; da compreensão e confrontação empática; de mais fases no processo; maior postura “Eu-Tu”.
- Isso implica nas possibilidades de settings de: terapia do grupo e com o grupo.

# Terapia do grupo



# Terapia com o grupo



Análise do processo presente nos grupos de encontro (GE) em relação aos processos terapêuticos descritos nas fases de aconselhamento não diretivo (AND) e terapia centrada no cliente (TCC)

# Fases do processo terapêutico nos GE

- (1) *Fase de hesitação, de andar à volta (milling around);*
- (2) *Resistência à expressão ou exploração pessoais;*
- (3) *Descrição de sentimentos passados;*
- (4) *Expressão de sentimentos negativos;*
- (5) *Expressão e exploração de material com significado pessoal;*
- (6) *Expressão de sentimentos interpessoais imediatos no grupo;*
- (7) *O desenvolvimento de uma capacidade terapêutica no grupo;*
- (8) *Aceitação do eu e começo da mudança;*
- (9) *O estalar das fachadas;*
- (10) *O indivíduo é objeto de reação (feedback) por parte dos outros;*
- (11) *Confrontação;*
- (12) *Relações de ajuda fora das sessões de grupo;*
- (13) *Encontro básico;*
- (14) *Expressão de sentimentos positivos e intimidade;*
- (15) *Mudanças de comportamento do grupo.*

# Sínteses interpretativas sobre o processo grupal em relação às fases anteriores: 1

- Uma primeira síntese interpretativa se remete à insistência de Rogers (1942/2005, 1961/2009, 1970/2002) em partir de uma postura a-teórica para descrever e apresentar o processo terapêutico.
- No AND é proveniente de uma conferência que Rogers (1942/2005) proferiu na Universidade de Minnesota, em 1940, sobre os avanços da clínica psicológica;
- Na TCC é oriundo de uma palestra que ocorreu na ocasião de uma premiação que Rogers (1961/2009) recebeu da APA, em 1956, e de um trabalho apresentado na Convenção Americana de Psicologia, em 1957;
- Nos GE o pensamento de Rogers (1970/2002) é procedente de duas publicações anteriores, no livro *Challenges of Humanistic Psychology*, organizado por James Bugental em 1967, e em um artigo publicado no periódico *Psychology Today*, em 1969. Outro motivo advém de um posicionamento do autor para situar o processo terapêutico segundo uma postura experiencial, por vezes aludida por ele como fenomenológica e existencial.

## Sínteses interpretativas sobre o processo grupal em relação às fases anteriores: 2

- No livro *Psicoterapia e Consulta Psicológica*, nos capítulos posteriores as descrições de Rogers (1942/2005) das fases do AND é possível perceber que ele aprofundou os elementos terapêuticos relacionados ao processo, desde os momentos iniciais e os fatores que (contra)indicam e constituem uma atmosfera terapêutica não-diretiva, passando pela ênfase na liberdade de expressão e a questão do *insight*, até a ponderação do que acontece nos momentos finais e um exemplo da sua proposta pela transcrição integral de um caso clínico composto por oito sessões.
- No que concerne à descrição do processo na TCC, Rogers (1961/2009) indicou que a sua referência teórica está em outro texto sobre as condições necessárias e suficientes para a mudança de personalidade. Embora não explique conceitos, basicamente, ele utiliza como termos algumas noções como personalidade, incongruência, aceitação incondicional e compreensão empática, devidamente explicados no texto referido

## Sínteses interpretativas sobre o processo grupal em relação às fases anteriores: 2

- Em relação à descrição do processo nos GE, Rogers (1970/2002) indica, desta vez numa nota de rodapé, diversos livros e autores que contribuíram com a abstração teórica do que ocorre em um grupo, ratificando que o seu foco é mais elementar e naturalista do que teórico. Apesar disso, ele empregou termos que são noções teóricas, como aceitação incondicional, compreensão empática, liberdade e relação Eu-Tu (na acepção buberiana).
- Com efeito, no que tange àquilo que constitui o processo terapêutico, parece que Rogers tentou expressar o seu posicionamento para o público leigo e para aqueles mais familiarizados com a sua teoria. O autor tentou ser didático nos textos analisados, porém é possível observar que há elementos e aprofundamentos teóricos adjacentes à sua exposição a-teórica.

## Sínteses interpretativas sobre o processo grupal em relação às fases anteriores: 3

- No processo do AND, Rogers (1942/2005) elenca a sexta fase como momento mais importante, pois o *insight* possibilita uma mudança de atitude e orientação que desencadeia um indicativo de avanço terapêutico.
- Na TCC, Rogers (1961/2009) estabelece as condições de aceitação incondicional e compreensão empática como os *a-prioris* relacionais que desencadeiam e possibilitam o desenvolvimento do processo terapêutico.
- Nos GE, Rogers (1970/2002) situa o estabelecimento do clima de liberdade como o componente que possibilita o início e incensa todo o desenvolvimento grupal.

# Sínteses interpretativas sobre o processo grupal em relação às fases anteriores: 4

- O AND é uma terapia de curta duração que intenciona tomadas de decisão sobre uma situação, a TCC é uma psicoterapia com foco em mudança de personalidade e os GE são uma terapia grupal que ocorre fora do *setting* clínico tradicional e visam fomentar encontro e crescimento intra e interpessoal.
- Em comum, essas atividades seguem uma lógica de acolhimento, estabelecimento de uma atmosfera relacional em que as pessoas passam a entender o seu lugar ante o terapeuta e a proposta interventiva, receios e contatos com a experiência, expressão experiencial, apropriação, aceitação e compreensão de si, do outro e da situação, mudança de percepção, experimentação de novos comportamentos dentro e fora da relação terapêutica, maior autonomia e responsabilidade para lidar com novas situações à luz das aquisições terapêuticas.
- Contudo, nessenexo, é possível notar que nos GE a questão da alta varia em relação ao AND e a TCC, dado que antes de ocorrer o início do processo grupal se pré-estabelece um determinado número de encontros. Por isso, na fase final dos GE, Rogers (1970/2002) não estabelece uma fase para o término na relação, mas se preocupa com os possíveis riscos, fracassos e desvantagens que podem ser desencadeados nos membros do grupo, após o seu fim.

# Sínteses interpretativas sobre o processo grupal em relação às fases anteriores: 5

- O processo nos GE apresenta algumas sutilezas que o distingue do AND e da TCC, por se tratar de uma proposta terapêutica que acontece fora do ambiente clínico tradicional.
- Infiro que em relação aos outros serviços, os GE possuem mais fases no seu processo terapêutico por envolver mais dimensões relacionadas as interações entre os membros do grupo.
- Assim, observo que Rogers (1970/2002) até a nona fase considera elementos comuns à lógica do processo de AND e TCC, mas a partir da décima etapa acresce outros como o *feedback*, a confrontação e o estabelecimento de relações fora do momento grupal.
- Além disso, entendo que nos GE Rogers (1970/2002) parece considerar que as transformações intra pessoais são mais intensas por serem temporalmente mais postas e experimentadas em ato nas esferas interpessoais, pois há mais membros participando desse processo do que no processo clínico tradicional entre terapeuta e cliente. Estes, também, trabalham essas transformações, mas em outra temporalidade que precisa de um intervalo entre uma sessão e outra para elaborar o que o cliente experimentou fora da relação. Talvez, por isso, nos GE Rogers enfatize mais o processo pelas experiências dos participantes e menos pela experiência do líder-facilitador do grupo.

## Sínteses interpretativas sobre o processo grupal em relação às fases anteriores: conclusão

- Nesse percurso, houveram acréscimos teóricos ou não houveram mudanças substanciais de pensamento? Se nos atermos apenas aos apontamentos rogerianos de que os seus textos seriam somente descrições do processo terapêutico sem elaborações teóricas e conceituais, segundo a primeira síntese interpretativa, a resposta é não.
- Contudo, se considerarmos as demais síntese interpretativas, percebemos que houveram acréscimos teóricos indiretos ao que o autor apresentou nos textos analisados, havendo, pois, acréscimos sutis que deram mais substância ao pensamento sobre o que acontece no processo terapêutico.

# Os limites e os problemas dos GE (Yalom & Leszcz, 2005/2006; Schmidt, 2011)

- Superficialidade, artificialidade e artificialidade?
- GE não é um modo de vida, mas um ponto de referência (Rogers, 1970/2002).
- Formação ou atendimento?
- Continuidade?
- Cuidado para não se misturar?
  
- A questão da pesquisa (Rogers, 1970/2002).
  
- Pontes para a ACP: resolução de tensões sociais (problemas religiosos, raciais, geracionais, etc.); Workshops (comunidades centradas).
  
- Rogers não achou que precisasse expor os fundamentos teóricos de sua prática já consolidada de psicoterapia. Partiu disso para pensar e sustentar suas intervenções grupais e, ao divulgar isso, fez parecer algo fácil e sem maiores fundamentações – o que é um equívoco.
  
- Heranças grupais no Brasil: constantes grupos de encontro e fóruns de ACP, com Workshops; mecanismo formativo presente em diversas formações.

# Fontes consultadas

- Castelo Branco, P. (2019). **Fundamentos epistemológicos da abordagem centrada na pessoa**. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Castelo Branco, P. (2022). As pesquisas clínicas coordenadas por Carl Rogers: apontamentos metodológicos e repercussões. **Psicologia em Pesquisa**, 16(2), 01-24. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/31533>
- Koch, S. (Ed.). (1959). **Psychology: A Study of a Science (Vol. III)**. New York: McGraw-Hill.
- Pagès, M. (1955/1976). **Orientação Não Diretiva em Psicoterapia e Psicologia Social** (A. Santos, Trad.). EDUSP.
- Rogers, C. (1977). Teoria e pesquisa. In C. Rogers & M. Kinget. **Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva** (Vol. 1., pp. 143-282., M. Bizotto, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em 1959).
- Rogers, C. (2002). **Grupos de encontro**. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1970).
- Rogers, C. (2005). **Psicoterapia e consulta psicológica** (Ferreira, M., Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1942).
- Rogers, C. (2009). **Tornar-se pessoa** (M. Ferreira & A. Lamparelli, Trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1961).
- Schmidt, M. (2011). Utopia, teoria e ação: leitura das propostas grupais na abordagem centrada na pessoa. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 31(3), 628-639. [doi: 10.1590/S1414-98932011000300014](https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300014)
- Yalom, I., & Leszcz, M. (2006). **Psicoterapia de grupo: teoria e prática** (R. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Originalmente publicado em 2005).